

ANO NOVO DE NOVO, FELIZMENTE

DURVAL TAVARES

Estamos em 2026. Eu feliz e Vó-vô-6?

Não se trata apenas de virar a folhinha, de trocar o calendário, de ver a queima de fogos pela TV ou numa praia no Boqueirão, de vestir branco ou amarelo, de estar em turma ou só, de dormir sem festejar, de comer muito sem parar, de beber, então (infelizmente, até sem moderação). O que interessa é continuar a fazer tudo à beça, mas com cuidado, sem pressa. Não importa se o passado foi bom, se não há boa previsão pela frente. Devemos estar com a mente sã e o corpo são, ou tudo o que vier de bom será em vão. Aliás, cuidar da saúde é nosso dever, nossa obrigação e nossa salvação, especialmente se nesse cuidado a mente estiver presente. Por nós e pelos que nos acompanham. Se seu corpo sofre, entes próximos também apanham e, em certas situações, apanham muito mais.

Mas vamos falar de ano novo, com todos são e salvos. Escapamos do desastre do Bateau Mouche! Para muitos, talvez, não faça diferença, a não ser pela contabilidade

ou crença. Afinal, nosso calendário baseia-se em quê? No dia em que Jesus nasceu? Que calendário é esse? E quantos outros coexistem? Lá fui procurar na internet e encontrei num espaço bem maior do que o tamanho de uma quitinete, algumas informações que aqui repasso.

História e origem do calendário - Toda Matéria (Revisão do Professor Thiago Souza):

“A história e origem do calendário tem início com a necessidade do ser humano de organizar o tempo, de registrar a evolução, bem como de comemorar datas fixas. Historiadores divergem sobre sua origem, apresentando hebreus, egípcios e sumérios como seus possíveis inventores. No caso do sumério, seu calendário era composto por 12 meses lunares com 29 ou 30 dias, num total de 354 no ano. Desta forma, não coincide com o calendário solar, composto por 365 dias”. E a matéria segue ao falar dos calendários Solar, Chinês, Cristão ou Gregoriano, Maia e Islâmico, dos quais, em contagem progressiva, destaca um, dois, três:

1, Solar: “O ciclo solar trazia mais dificuldades

de observação, visto que as lunações são mais curtas, por isso o calendário com base solar foi mais difícil de ser estudado. Ele foi criado pelos egípcios e tinha 365 dias dividido em 12 meses com 30 dias e mais 5 dias acrescidos no final do ano. Não havia o tal ano bissexto e os meses eram divididos em três estações: Inundação, Inverno e Verão”. Parece que verão e inundação se confundem.

2. Chinês: “O calendário chinês é lunissolar, ou seja, ele considera tanto o ciclo solar quanto o lunar. É formado por ciclos de 12 anos, com início em fevereiro. Esse é o mês, portanto, que marca a entrada do novo ano chinês. Ao contrário do calendário ocidental que atribui um signo a cada mês, os animais do horóscopo chinês não estão relacionados aos meses do ano, mas sim aos anos. Os animais, que se repetem a cada 12 anos, são: rato, boi, tigre, coelho, dragão, serpente, cavalo, carneiro, macaco, galo, cão e porco”. Agora, em dois mil e vinte e seis, o Cavalo é o animal da vez no ano Chinês

3. Cristão ou Gregoriano: “Esse é usado atualmente no Brasil e em

grande parte do mundo. Foi criado em Roma no século VI por um monge chamado Dionísio. A contagem dos anos deveria ser iniciada por um acontecimento de grande valor, de modo que, como cristão, Dionísio considerou que o ano 1 deveria ser o ano do nascimento de Jesus Cristo. Esse calendário se tornou oficial no ano 1582, pelo papa Gregório XIII; por esse motivo também é conhecido como calendário gregoriano”. Seguimos nosso a.C. e d.C.

Cada criatura poderá seguir com a leitura, talvez cansativa, talvez divertida, talvez instrutiva, talvez, só talvez. Que tal saber algo sobre o Calendário Maia, o Islâmico, o Judaico, sobre a diferença entre tempo cronológico e tempo histórico, bem pouco da pré-história (idade da pedra e dos metais), da Idade Antiga (antiguidade oriental e antiguidade ocidental ou clássica), da Média (alta e baixa), da Moderna (Revolução francesa, grandes navegações, capitalismo), e da Idade Contemporânea (do século XVIII até os dias atuais e na qual ocorreram a Revolução Industrial e duas guerras mundiais)? Que tal saber de curiosi-

dades sobre a importância da religião na contagem do tempo, da divisão dos séculos nessa contagem, do ano bissexto, bem sobre como surgem as estações do ano (primavera, verão, outono e inverno, variantes segundo a exposição aos raios solares, o movimento orbital da Terra em relação ao Sol)? Quando a leitura avançou

para solstício e equinócio, decidi, de ofício, acionar o modo “ócio”, excelente negócio por seus benefícios significativos para a saúde mental nesse nosso louco mundo, de ritmo frenético, de pressão constante para atingimento de metas, de esgotamento físico e emocional.

Buon anno nuovo, gente mia.

VIDA

vim de longe
do tempo
que não havia

atravessei galáxias
mares profundos
desertos
vales floridos
colhendo tesouros
pra te dar

trouxe histórias
fantasias
encantamentos
magias
pra te agradar

e um imenso amor
para espalhares
ao vento

esbanja-te de mim
mergulha
em meus profundos
possua-me
com ternura
enquanto puderes

porque o caminho
que me trouxe
um dia me levará

kuaia

CRÔNICAS DA MINHA GENTE

VANI

IVAN

Foi assim que aconteceu. Era domingo, depois do almoço, e meio cansado de criar o mundo, em vez de tirar um cochilo, Deus achou melhor fazer o que mais gostava: pintar. Colocou a tela no cavalete, escolheu os pincéis e as tintas, suspirou para avivar o talento e pintou a Vani. Gostou do que viu. Não assinou a tela, mas pôs-lhe o título: Vani do Zote. Deu-lhe um desígnio: ser portadora da paz e da doçura.

Vani escolheu Monte Sião para ministrar a paz em forma de ternura, sem usar demasiadamente as palavras, preferindo abusar da candura. Por onde ela anda, a mansidão toma morada. Para isso, adotou, ainda menina, cachos, longos cachos de cabelos negros que lhe cobriam os ombros, ocultando só um pouquinho o rosto moreno somente dela, que nem as indianas, as árabes, as semitas, as mamelucas e ca-

fuzas conseguiram com requintadas e arditosas manhas. Nós, os meninos, por unanimidade, resolvemos nos apaixonar pela Vani do Zote com a única intenção de ficar perto dela e morrer olhando nela. Ela, sem aviso algum, era apaixonada por todos, sem preconceito, sem privilégio, sem escolha. Seu destino estava marcado: apaixonar-se pelo mundo e, deste mundo, por nós, os meninos apaixonáveis.

Seus cabelos encaracolados como anéis de seda subiam e desciam quando ela caminhava e todo seu corpo sorria para que a boca não sorrisse sozinha. O sorriso da Vani até hoje serve para tudo. Se triste, sorri debochando da desventura; se alegre, sorri para adicionar ventura; se melancólica, sorri para afastar a escuridão da dor. Em sincronia com a boca, os olhos refulgem, chispam, reluzem e, depois, cerram-se com cuidado e leveza, para que não pensem es-

tar piscando preocupação.

Ninguém até hoje, e ao que eu saiba, conseguiu fazer sua própria sombra maior do que a Vani é capaz. Nossa sombra, sabemos, estende-se ou se encolhe conforme a posição do sol. A da Vani nem precisa de sol e sempre é enorme, pois a sua sombra é para todos; consequentemente, é necessário ser enorme. Quem passar, mesmo distante da casa da Vani, fatalmente estará sob sua sombra de compaixão, isto é, ela estará tendo você, feliz transeunte, como pessoa mais importante que ela, que seu lugar deve ser sempre o melhor e que a você se deve toda atenção e respeito. É justamente quando ela sofre ao pensar que, desastrosamente, poderá não ser assim. Então, ela sorri o sorriso da compreensão para amenizar o desastre e, para não se conformar com a desdita, sorri.

A Vani do Zote per-

tence à classe mais nobre entre a espécie humana: é professora de meninos. Apaixonados por ela, os mesmos meninos que ela formou e fez deles gente reúnem-se para comemorá-la e, expectantes, assiste-lhe a sorrir. Não teve um único fracasso; não teve a mínima frustração. Mesmo os que descambaram nas ladeiras da vida, desafortunados pela natureza, tiveram uma paixão: a Vani do Zote. E uma paixão assim resgata qualquer alma decaída e faz dela um holocausto.

O Todi era machista e machão. Para consolidar e não perder seu romântico de durão casou-se com a Vani do Zote, pensando em dominá-la com a mesma facilidade com que jogava futebol: aplicando dribles, roubando a bola, pulando mais alto, fazendo gols. Pisou na bola. Com mimos, voz baixa, porém firme, agrados sem ser bajulação, ouvindo, opinando quando solicitada, cari-

nhando, a Vani, agora do Todi, colocou-lhe a coleira da ternura sem que ele percebesse. E deixou que ele continuasse pensando ser o tal, que ele era capaz de bravatas (todas inocuas a ela), permitiu que pensasse ser truculento, mostrou-se dominada, desenfreadamente dominada, e, assim, o conquistou. Com mel. Tanto é verdade que, muito melhor que seu irmão Oscar da Seleção Brasileira (Oscar, perdoe-me, mas eu fui mais amigo dele), rejeitou assinar contrato com as maiores equipes do Brasil, por causa da paixão de todos nós: a Vani do Todi. Turrão, disfarçava dizendo que o dever de cartório o chamava, mesmo sabendo ser a Vani quem o impedia de ser também da Seleção.

Se vocês dois, leitores meus interinos, virem a Vani passar sorrindo, pisando silêncios, lançando sombras benfazejas, olhando bem além do alcance da visão comum, à

procura da desesperança para mitigá-la, vocês cairão perdidamente apaixonados, perguntando-se por que todas as mulheres não são assim também.

Agora mesmo vou convidar a minha Ivone para que visitemos a Vani, pois estou sabendo que suas cinco filhas estão lá em casa. Que filhas, gente! Monalisa rasgaria sua própria tela, envergonhada das esculturas que a Vani e o Todi engendraram em transe de paixão aguda – o Todi determinando “não quero homens”, a Vani sorrindo, “que venham deusas, então”. Esta é a dona Ivanir Comune Bernardi, sorrindo, como você bem pode notar.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020.

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 87

ISMAEL RIELI

Qual o autor dos textos das falas abaixo:

1 – Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico com saudosa lembrança estas memórias póstumas.

2 – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.

3 – 50 anos em 5.

4 – Governar é abrir estradas.

5 – Après moi le deluge.

6 – Se não têm pão, que comam brioche.

7 – Saio da vida para entrar na história.

8 – L’etat c’est moi.

9 – Fugit irreparabile tempus.

10 – Viver é muito perigoso.

11 – Quosque tandem, Catilina, abutere patientia mostra?

12 – Eras na vida a pomba predileta.

X X X

Cântico do calvário

A memória do meu filho morto a 11 de dezembro de 1863.

Eras na vida a pomba predileta

Que sobre um mar de angustias conduzia

O ramo da esperança!... eras a estrela

Que entre as névoas do inverno cintilava

Apontando o caminho ao pegureiro!...

Eras a messe de um dourado estio!...

Eras o idílio de um amor sublime!...

Eras a glória, a inspiração, a pátria,

O porvir de teu pai! – ah! No entanto,

Pomba – varou-te a flecha do destino!

Astro – engoliu-te o temporal do norte!

Teto – caiste! Crença – já não vives!

X X X

Respostas

1 – Machado de Assis, na abertura de Memórias Póstumas de Brás Cubas, um dos 10 livros mais importantes da literatura ocidental da lista de Mindlin.

2 – Machado de Assis no final do capítulo 160 – das negativas – do romance Memórias Póstumas onde se vê o pessimismo do maior escritor da língua portuguesa.

3 – JK. Nascido a 12 de setembro de 1902, na

cidade de Diamantina. Em abril de 1940, foi nomeado prefeito de Belo Horizonte. Elegendo-se Governador de Minas em 1951, pôs em prática o sistema de “metas” caracterizado por definir objetivos a serem alcançados. Eleito Presidente em outubro de 1955 e assumindo a Presidência em janeiro de 1956, impulsionou a indústria automobilística e sua grande realização foi a fundação de Brasília.

Faleceu em um acidente de automóvel quando vinha de São Paulo para o Rio de Janeiro, em 22

de agosto de 1976.

4 – Washington Luís – o “paulista” de Macaé, presidente de 1926 a 1930. Foi vereador em Batatais, prefeito da cidade de São Paulo e governador de São Paulo. Foi deposto da presidência 21 dias antes do fim de seu mandato pela Aliança Liberal que não aceitou a vitória do paulista Julio Prestes e empossou Getulio Vargas o 2º colocado.

5 – “Depois de mim (que venha) o dilúvio” bem demonstra como o rei Luís XV só se preocupava com ele, não to

nem ai com a plebe.

6 – Maria Antonieta esposa de Luís XVI que pela sua postura teve a cabeça decepada no tronco, pela guilhotina, na Revolução Francesa.

7 – Getúlio Vargas na sua carta testamento no dia de seu suicídio, 24 de agosto de 1954 no palácio do Catete no Rio de Janeiro.

8 – “O estado sou eu”, Luís XIV o rei sol muito parecido com um presidente de uma potência nos dias de hoje.

9 – “O tempo foge irreparável” já dizia o poeta romano Horácio. Hoje dizemos o mesmo: como o tempo voa!

10 – Guimarães Rosa, o grande escritor mineiro de Cordisburgo, no seu livro clássico, Grande Sertão Veredas.

11 – Cicero senador e grande tribuno que vivia digladiando com Catilina. Dai vem Catilinária: diatribe; acusação violenta como a que Cicero fez a Catilina.

“Até quando, Catilina, abusarás de nossa paciência?” Encaixa-se bem ao nos referirmos a certos políticos que vi-

vem a nos aporrinhar.

12 – Trecho inicial do longo e comovente poema Cântico do Calvário, poeta romântico brasileiro Fagundes Varela, não tão famoso como Castro Alves, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, mas um grande poeta, inconsolável com a morte do filho.

X X X

Para Inglês ver

Expressão surgida durante o Império, quando o Brasil firmou convênios com a Inglaterra, no sentido da repressão do tráfico de escravos, sendo estabelecidos tribunais mistos de julgamento, para os navios negreiros apreendidos. Tinha o Brasil a obrigação de patrulhar as costas, as quais eram também patrulhadas pelos navios britânicos. Mas o tráfico continuava, fazendo o governo vista grossa à traficância. Dizia-se, por isso, que o nosso patrulhamento era fictício, isto é, apenas para inglês ver, como uma satisfação platônica aos acordos oficialmente firmados.



LINGUAGEM: A FALA DO OUTRO MUNDO!

ARIOVALDO GUIRELI

Só aprendemos o real se sairmos do real, pela imaginação. Portanto, se a linguagem é uma forma de apresentação do real também é ideologia. A sua essência escapa das medidas do lógico, já que a essência do mundo é a própria linguagem. A poesia, por exemplo, é a linguagem quando fala de si, pois as determinações que assumem as manifestações do real fazem o pensável e não o percebível.

É na palavra, na linguagem, que as coisas chegam a ser e são como pensou Heidegger.

Outro pensador, Wittgenstein, escreveu:- A ideologia da obra literária mora na linguagem que no intertexto se desvela; e a literatura não “mostra” o real naquilo que ela é, mas ela faz do próprio real do qual participa seu próprio ser, sendo revelado o homem em sua humanidade.

Ángelus Silésius, místico medieval diz:- O homem tem dois olhos. Um somente vê o que se move no tempo que passa. O outro, aquilo que é divino e eterno.

Adélia Prado, poeta mineira:- O que é bonito enche os olhos de lágrimas.

Guimarães Rosa, escritor mineiro:- A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem se misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importân-

cia. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outros, de recente data.

O poeta mato-grossense, Manoel de Barros:- Preciso de atrapalhar as significâncias. O despropósito é mais saudável que o solene. Para limpar as palavras de alguma solenidade – uso bosta. Nasci para administrar o à toa, o vão, o inútil. Prefiro as máquinas que servem para não funcionar: quando cheias de areia, de formiga e musgo – elas podem um dia milagrar de flores. Também as latrinas desprezadas que servem para ter grilos dentro – elas podem um dia milagrar de violetas. Senhor, eu tenho orgulho do imprestável.

A radicalidade de Carlos Drummond de Andrade, poeta mineiro:- Ninguém é igual a ninguém. Todo ser humano é um estranho ímpar.

Carlos Rodrigues Brandão, antropólogo, pedagogo e escritor mineiro:- (...) Agora, o senhor chega e pergunta: “Ciço, o que é Educação?” Tá certo. Tá bom. O que que eu penso, eu digo. Então veja, o senhor fala: “Educação”; daí eu falo: “Educação”. A palavra é a mesma, não é? A pronúncia, eu quero dizer. É uma só: “Educação”. Mas então eu pergunto pro senhor: “É a mesma coisa? É do mesmo que a gente fala quando diz essa palavra?” Aí eu digo: “Não”. Eu digo pro senhor desse jeito: “Não, não é”. Eu penso que não. Educação... quando o senhor chega e diz “Educação”, vem do seu mundo,

mesmo, um outro. Quando eu sou quem fala vem dum outro lugar, de um outro mundo. Vem dum fundo de oco que é o lugar da vida dum pobre, como tem gente que diz. Comparação, no seu essa palavra vem junto com quê? Com escola, não vem? Com aquele professor fino, de roupa boa, estudado; livro novo, bom, caderno, caneta, tudo muito separado, cada coisa do seu jeito, como deve ser. Um estudo que cresce e que vai muito longe de um saberzinho só de alfabeto, uma conta aqui e outra ali. Do seu mundo vem um estudo de escola que muda gente em doutor. É fato? Penso que é, mas eu penso de longe, porque eu nunca vi isso por aqui.

Na pequena cidade mineira moravam três amigos inseparáveis. Vistos todos os dias às 18h em ponto no mesmo banco do jardim da praça principal. Um deles sempre levava seu “rádio de pilhas” e respeitosamente ouviam a Hora do Ângelus através do programa “Na Beira da Tuia” – Rádio Bandeirantes/SP – comandado pela dupla caipira do bom cantar, Tonico e Tinoco. Depois continuavam a ouvir o programa com muitas músicas raízes. Entre eles uma sintonia perfeita. Terminado o programa falavam coisas amiúdes. Um dia um deles provocou: E se a dupla morrer, nós vamos escutar o quê? O outro respondeu:- Nada! Acredito ser o mais significativo elogio para um artista brasileiro!

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Era 1916. O mundo enfrentava a primeira grande guerra. Num lugarejo desconhecido chamado Rocinha, cercado de muita mata virgem, rios com peixes e poucos habitantes ainda, acontece uma tragédia. Um homem desce ao fundo de um poço para limpar suas águas amarelecidas, que dizem ter ficado assim por causa de um raio. Poderia ser outro motivo, menos misterioso. O fato é que aquele homem nunca mais saiu de lá. Ficou enterrado entre os escombros. Isso depois de muitas rezas e tentativas de tirá-lo daquele fundo buraco por sete dias. Não existe uma única foto do acontecimento histórico, apenas relatos que foram passados de boca em boca. Na época, o local era apenas um antigo ponto de descanso para boiadeiros e comerciantes que ficou famoso por toda a região. Vinha gente de fora para ver. Os moradores, assustados e temerosos, depois até evitavam passar por aquele ponto onde o homem ficou sepultado para sempre. Foi lá no alto de uma longa rua de terra chamada Rua da Formiga (hoje Avenida Brasil), numa fazenda chamada Marambaia, que criava gado leiteiro e cavalos de raça (hoje um condomínio). A poucos me-

AS TRAGÉDIAS HUMANAS

tros da Estrada da Boiada, hoje asfaltada e com fluxo intenso de veículos. Ninguém sabe mais nem se preocupa.

Estamos em 2024. O mundo continua fazendo guerras, aqui e ali. Você sabe quantas e quais, nem preciso dizer. Num lugar agora bastante luxuoso e conhecido chamado Vinhedo, acontece uma tragédia mais moderna. Um avião rodopia assustadoramente no ar e despenca dos céus matando 62 pessoas entre passageiros e tripulantes. Numa região densamente habitada com vários bairros e condomínios, mas conhecida simplesmente por Capela. Quis o destino ironicamente que o exato local da queda se chamasse Recanto Florido. A tragédia poderia ter sido pior. Dessa

vez, fica tudo registrado em celulares anônimos de gente que passava pelo local. As gravações inesperadas guardam os gritos de horror de quem grava. O acontecimento ganha repercussão nacional. Emissoras de televisão noticiam o fato para o mundo inteiro. Nas redes sociais a notícia se espalha rapidamente. Existe uma comoção enorme. As pessoas choram e oram.

Eu escrevinho linhas para contar esses acontecimentos históricos que se imitam uns aos outros. Tantas tragédias humanas inexplicáveis. Muitas delas desnecessárias. E me pergunto: o que aprendemos com as tragédias?... Quem estará aqui — daqui a um século — contando uma nova história que nenhum de nós saberá?...



Fone:
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136
- Centro (Praíinha)

Monte Sião - MG
CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C -Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE

DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.SiãO - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

O COLISEU POLÍTICO

DANILO ZUCATO
ROBERT

Chegou Chegou 2026, mais um ano com eleições. Digo isso com certo desânimo e preguiça. Isso se deve porque, politicamente, sabemos como será este ano. Sabemos o que se passará: anúncios on e offline com políticos sorrindo dizendo que irão nos representar, prometendo igualdade, liberdade, prosperidade, menos impostos, transparência política, combate à corrupção e investimentos robustos nos três pilares de toda eleição: saúde, segurança e educação. É claro, sempre com o jargão ‘pelo povo’.

Para além de quem quer se eleger, sabemos também o que se passará entre quem os elege: discussões coléricas, overdoses de fake news, convicções vazias, ‘textões’, bloqueios em redes sociais, provavelmente brigas físicas e manifestações, nas quais cada lado dirá que havia mais pessoas que na manifestação do inimigo. Sim, inimigo, não adversário.

Dizem que o Brasil nunca esteve tão polarizado politicamente, porém o que me parece é que esta polarização está somente do lado de fora do congresso. A impressão que tenho é de que, enquanto o povo briga no meio de um ‘coliseu digital’, discutindo sobre liberdade e igualdade,

capitalismo e comunismo, anistia e condenação, os políticos, ou os ungidos, se divertem, bebem e comem do bom e do melhor, no camarote do tal coliseu.

Podemos usar outra metáfora: Ao contrário do que se parece, no circo político, nós somos os palhaços e cada cargo elegível pela república democrática está na arquibancada, se divertindo, comendo, bebendo e sendo pago para fazer isso.

Se lhe pareço pessimista demais sobre o ‘futuro na nação’ ou sobre a democracia, assista ao vídeo que deixarei no final deste texto. Tal vídeo é do aniversário de 94 anos de um político muito famoso em nosso país, ex-presidente, inclusive. Perceba como o clima é feliz, rico, dourado, banhado a champagne e impostos. Quando vejo eleitores brigando sobre qual lado ou candidato é o melhor, me lembro especificamente desse vídeo.

Voltemos a nós, eleitores. Se você conseguir, faça este exercício: procure ver ‘de fora’ das discussões e de todo o ambiente político de 2026. O poder de ver de fora é libertador, pois assim você percebe algumas coisas importantes como: a maior parte das pessoas somente repetem discursos curtos e elaborados por outrém para defender seus pontos irrefle-

tidos. A maior parte das pessoas repetem também rótulos irrefletidos para atacar os ‘do outro lado’. Mas todo mundo votará por um único motivo: esperança de que as coisas melhorem.

Ver de fora do jogo te dá o poder de ao menos tentar passar por este período conturbado com certa tranquilidade na alma, mas algumas coisas são pré-requisitos: evite todo tipo de mídia, discussões políticas e rotular quem pensa diferente. E seja realista: raramente qualquer argumento que você usar irá mudar o lado político de alguém. Mudar de lado político é como mudar de religião: ou parte de dentro, ou forçosamente de fora.

Faça um favor a si mesmo em 2026: veja de cima, veja de fora, conheça os candidatos, suas propostas, vá votar, e fique quieto. Digo isso para quem lê, mas para mim mesmo também.

“Muitas formas de governo foram experimentadas e serão experimentadas neste mundo de pecado e sofrimento. (...) Já se disse que a democracia é a pior forma de governo, com exceção de todas as outras que foram experimentadas ao longo do tempo” - Winston S. Churchill, 1947.

Abaixo, deixo o vídeo da festa de aniversário que citei no decorrer do texto.

https://www.youtube.com/watch?v=_QjFaY-V27g

FELIZ ANIVERSÁRIO

PAULO FRANCO

Era domingo, fim de tarde. O céu, pintado de um azul perfeito, não trazia resquícios da última semana de chuvas intermitentes. A menina-adolescente, pres-tes a fazer quinze anos olhava a rua por cima do portão baixo. Quase sorria, contemplando a rua deserta. Do jardim vinha um cheiro bom de grama e terra molhada e um perfume de rosas. As roseiras espalhadas pela frente e lateral da casa, se exibiam com viço nas folhas e flores, com a chuva dos últimos dias. Ela, com a proximidade do seu aniversário, pensou nos anos anteriores e até onde ia o seu pensamento, os seus aniversários sempre foram comemorados em família. Sempre tivera bolo, docinhos, presentes, Uma ideia nascia na cabeça da menina e ela resolveu compartilhar com os pais, antes de propalar a sua decisão: iria comemorar os seus quinze anos com uma grande festa! Não precisou se esforçar para observar a preocupação estampada na fisionomia dos pais, mas como ela já vaticinara, eles a apoiaram sem hesitar.

Nos dias que se seguiram, a menina e a mãe,

trabalharam sem parar, não deixando escapar nenhum detalhe. A mãe abstraiu qualquer preocupação e se empenhou junto com a filha e transformaram o que viria a ser uma festa ordinária, num acontecimento extraordinário: Alugaram um lindo salão, contrataram orquestra, decoração, comidas, bebidas e principalmente um vestido digno de uma princesa para a debutante. Os convites também receberam atenção especial. Foram caligrafados individualmente, assim como os envelopes e foram entregues em mãos. Um deles teve um atenção especial: _ um garoto que ela conhecera há mais ou menos um mês. Se falavam quase todos os dias ao telefone, saíram pra passear, foram ao cinema, trocaram um primeiro beijo...

Assim, o garoto, além do convite para a festa, recebeu no envelope um segundo convite para dançar a primeira valsa com a debutante.

A ansiedade tomou conta da garota até que finalmente chegou o dia da festa. A família chegou cedo ao salão, a filha linda, tudo perfeito e pronto. Os pais se olhavam com preocupação, enquanto os minutos

avançavam e a menina, no centro do salão, im-pregnada de uma comovente ingenuidade olhava para a porta esperando os convidados. A orquestra tocou por quase uma hora até que ela se desse conta que ninguém viria. Olhou ao redor, as luzes giravam, como que embaladas pela música e ela se percebeu só. Sabia dos riscos. Apostou. Perdeu. Mas não se abalou. A solidão daquele momento, se apresentou como uma tela em branco e ela resolveu dar cores a essa tela. Chamou o pai e pediu pra orquestra tocar a valsa. Enquanto o casal rodopiava pelo salão, embalados pela óbvia, mas belíssima valsa Danúbio Azul, a menina viu, por cima do ombro do pai, entrando pela porta do salão, o seu “príncipe encantado “. O pai cedeu o lugar ao garoto e os dois dançaram o resto da festa, felizes, envoltos por aquela atmosfera inebriante que só o primeiro amor propicia. Ali, várias formas de cicatrizes indeléveis se forjaram na vida da menina-mulher. Ador-meceu feliz naquela noite, se deleitando com sonhos de contentamento.

O dia seguinte, 2 de janeiro amanheceu chuvoso.

O IMPASSE ENTRE O OPERADOR DO CINE BRASIL E O DR. MARCELLO

L. A. GENGHINI

Contou-nos o amigo Sebastião Rosa, filho do Luiz Rosa, torcedor símbolo do Palmeiras, homenageado pela Fundação Pascoal Andreta como personagem de relevante destaque para as tradições de Monte Sião, que ele, Sebastião, começou muito cedo a trabalhar como operador no Cine Brasil.

Em 1958, lá pelo meio

do ano, o sócio e gerente operacional da referida sala de cinema, Cid Gotardello, programou para uma quinta-feira a exibição do filme “A Mulher do Rio”, (1954), estrelado por Sophia Loren, Gérard Oury e Rik Battaglia. Aliás, naquela época o Cine Brasil operava com sessões únicas às quintas e sábados e com sessões duplas aos domingos, ressaltando que aos domingos poderia,

também, ocorrer matins, quando os alunos do catecismo podiam trocar seus cartões de bônus da catequista por redução no preço das entradas.

Como era de se esperar, a fita programada para aquela quinta-feira continha cenas “calientes”, portanto era proibido para menores.

Eis que nos momentos que antecediam o início das projeções, aberta pelo jornal do Canal 100, depois os trailers dos filmes programados para o futuro e finalmente a exibição do programa do dia, chegou o Dr. Marcello, então promotor de justiça recém-empossado na Comarca, e interpelou o Tiãozinho, querendo saber o que o pirralho fazia lá, onde passaria um filme impróprio para menores. Então, o Tião se pôs a explicar que trabalhava de operador e que iria projetar o filme naquela noite, porque o Cid estava ausente, envolvido em outro compromisso, logo não poderia estar lá. Nãnaninanão!, disse o Dr. Marcello, você é menor de idade e não pode.

Bilheteria esgotada, sala de exibição cheia para ver Sophia Loren e o

cinema ficou sem operador... Impasse estabelecido... Prosas daqui e argumentos de lá, a solução parecia ser a devolução do dinheiro dos ingressos e cancelar a sessão. Mas, o Dr. Marcelo não era homem dado às injustiças, até porque, ele, também, estava a fim de assistir à película e, sem querer prejudicar a todos que já estavam devidamente acomodados e na terceira bala toffee de chocolate ou piper de hortelã, ponderou profundamente e saiu-se com a seguinte determinação, que acalmava a situação e atenderia aos interesses de todos: TÁ BOM, MENINO, JÁ QUE NÃO TEM OUTRO JEITO, VAI VOCÊ MESMO, MAS NAS CENAS FORTES VOCÊ COBRE OS OLHOS COM AS MÃOS.

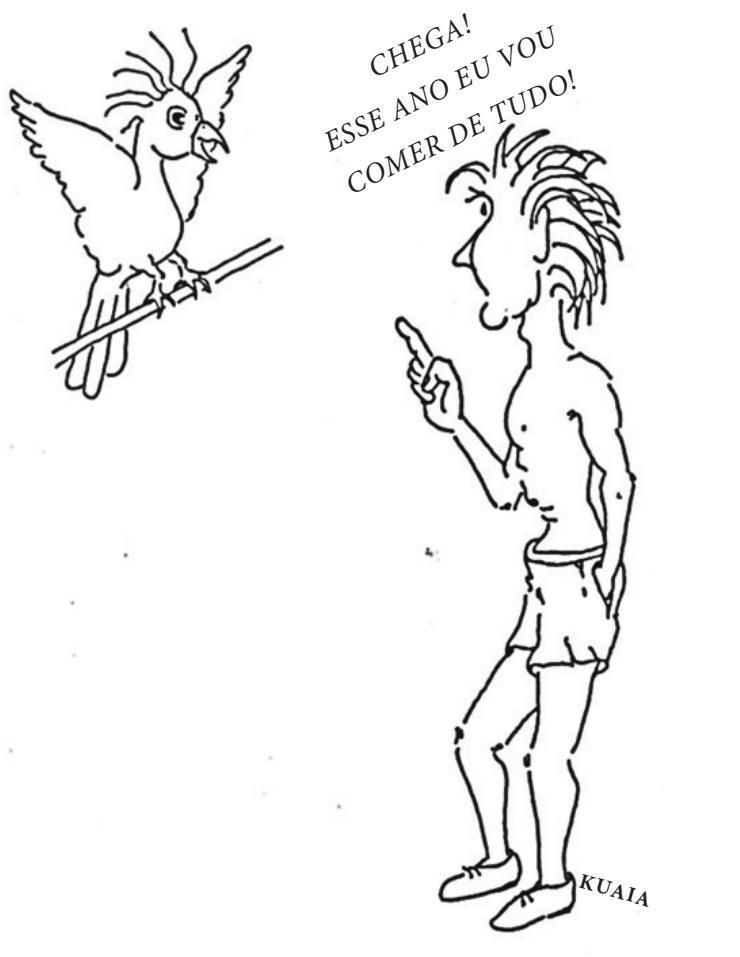
E assim, naquela noite de quinta-feira, no Cine Brasil, todos se deleitaram com Sophia Loren representando “A Mulher do Rio”. Ainda bem, porque a Sophia Loren era linda e se tornou um dos ícones da sétima arte!

Saudades do Cine Brasil, e, às vezes, ainda

me pego na lembrança de clássicos que lá assisti, como A Queda do Império Romano, Três Homens em Conflito, 100 Rifles, A Última Diligência, Hombre!, Agonia e Êxtase e outros tan-

tos filmes inesquecíveis, e mais, é difícil falar do Cine Brasil e não estabelecer um paralelo com o memorável “Cinema Paraiso”!

Até qualquer hora, pessoal!



SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes

Oliveira

A melhor carne da região!

Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000

(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA

PNEUS

**ALINHAMENTO E
BALANCEAMENTO DE RODAS,
ESCAPAMENTOS,
AMORTECEDORES, BATERIAS**
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38
(ANTIGO MATADOURO)
3465-5463

BEBER “VINHO FOLHA DE FIGO” E DEPOIS SE DEITAR NO “CHÃO DE BATINGA”

L. A. GENGHINI

Na edição 642 do “Monte Sião” de dezembro de 2025, publicamos um texto quase intimista abordando o “Natal no contexto de cada família”. Estou me sentindo honrado porque alguns dos meus três leitores (herdados do saudoso Ivan) foram gentis comigo ao me pedirem para acrescentar detalhes sobre duas citações inseridas no texto. Trata-se do “vinho folha de figo” e da “água de tabatinga”. Quanto ao vinho Folha de Figo, fato que também me intrigava, recorri, sob diversas formas de abordagem, ao Google e à infinidade de opções de respostas. Descobri o que eu não sabia e que justifica o nome comercial ou marca do vinho, uma vez que se trata de um vinho tinto produzido a partir de uma espécie de uva bordeaux

chamada “Folha de Figo”. Esclarecido, portanto, porque o nome de rótulo “Vinho Folha de Figo”, referindo-se ao tipo de uva utilizado na sua produção. A “água de tabatinga”, por sua vez, é obtida de uma argila branca chamada na região de Batinga, tanto que um importante bairro do município de Monte Sião é chamado de Bairro da Batinga. Imagina-se que o termo Batinga venha do Tupi-guarani, da junção de duas palavras: Taba=casa/aldeia e Tinga=branco, logo, aldeia ou casa branca. Naquele tempo as construções ainda eram rudimentares, as paredes eram rebocadas com argila e os pisos eram de terra batida. As mulheres, no entanto, sempre dão um jeito de melhorar o caos e o pouco que têm, e, com suas casas não seria diferente.

Assim, identificavam, nas margens dos córregos, os veios de argila branca (Batinga) e levavam para casa em latas de “querosene Jacaré” vazias, onde ficava imerso em água até o dia de usar, quando aquela mistura de água com argila, formando um caldo grosso, era passada nas paredes e pisos, dando à casa um aspecto de limpeza, leveza e conforto. Assim era a casa de nossa infância! Nossas fontes de Batinga eram muito pequenas e, em geral, se esgotavam rapidamente, tanto que estávamos sempre observando a fim de identificar outros veios que pudessem ser usados mais tarde. Em grandes jazidas, prontas para exploração industrial, a argila branca e rica recebe o nome de Caulim, que é utilizado largamente na indústria. Em breve consulta ao Google obtivemos o

seguinte: “Caulim (ou caulino) é uma argila branca, rica em caulinita, um mineral de silicato de alumínio, amplamente usado na indústria por sua brancura, refratariedade e capacidade de revestimento, sendo essencial na fabricação de papel, cerâmica, tintas, cosméticos e plásticos, atuando como carga para melhorar textura, brilho e resistência. Sua extração e beneficiamento envolvem a moagem e ajuste da granulometria para atender às necessidades específicas de cada aplicação industrial, como na porcelana, azulejos e máscaras faciais.” Como podemos notar, o desenvolvimento do Brasil até a industrialização foi lento, mas alicerçado na sobrevivência, nas descobertas casuais e na autossuficiência. Dúvidas esclarecidas, vamos em frente! Até qualquer hora, pessoal!

A PONTE

Todo dia
eu a vejo
em seu abismo
de vazios

Encanta-me
na ponte
seu pouco trânsito
de silêncios

Espanta-me
na ponte
seu sentido único
de travessia

Inquieta-me
seu pedágio

Popo de Sião

OS SEGREDOS DA GI

Pobre da Gi - nasceu e morreu sem dentes
E por que ter dentes se não queria viver
E pra que viver se não tinha pretendentes
Muito embora teve três rebentos sem querer

Quando falava balançava o corpo num gingado
Com o parafrasear o quem nunca estudou
Coitada da Gi já nasceu sem pecado
E sem ter pecado seu filho a enterrou

Seus olhos miudinhos estavam sempre remelentos
Mesmo que seu choro não demonstrasse
Dava simples explicações são por causa
[dos rebentos
Que tanto gostava deles e eles não mostravam
[interesse

Em sua tosca casa de pau a pique coberta
[com sapé
Com o fogão nem sempre acesso tilintava de frio
Uma panela carcomida uma chaleira e um bule
[de café
E a biquinha d’agua vinda lá do rio

No seu quintal grandes touceiras de capitão
A porta sem trâmela sem trinco já mostrando idade
Assim como ela também não mostrava ou era ilusão
E pra quê se não pensava mais em ter felicidade

Por sua porta não ousava entrar ladrão
Pois com certeza só encontraria a pobreza
E com a Gi tanta era a desilusão
Que assustaria aquele que mostrasse esperteza

Quando a Gi morreu foi no cemitério enterrada
Em uma cova rasa e em um caixão comunitário
Com quatro alças mas só três ocupadas
Pelos filhos como a carregar o seu fadário

Mais ninguém foi ao seu sepultamento
Coitada da Gi nasceu e morreu sem saudade
Ainda bem que ela não deixou testamento
Para transmitir com pena sua infelicidade

(Idealizado ao ler a crônica do Ivan, Os Segredos da Gi, publicada no jornal Monte Sião, edição 632, fevereiro/2025)

Arlindo Bellini

ĈĪHRĀZĀD AMAZONA ENTOA NOVO ENŪMA ELIŠ

LUCAS
PROVENZANO

Gostaria de inaugurar os textos deste ano com a recomendação de uma obra que em muito me toca, em especial, por ser de um escritor de Monte Sião e por ter ele me agraciado com o singular privilégio de elaborar o posfácio de seu livro. Com a autorização do autor, replico abaixo o conteúdo por mim redigido em sua obra, tendo em vista não esmiuçar seus contos em específico - tarefa incumbida e desempenhada de maneira louvável pelo prefaciador – mas apenas como tentativa de compartilhar toda a vertigem alucinante de emoções vivenciadas com essa experiência. Segue a todos o meu sincero aconselhamento no sentido de que leiam a obra, servindo o posfácio abaixo como singelo convite para uma experiência onírica única. “Foi com o coração exultado que recebi a prestigiosa tarefa de redigir o posfácio de “Profetas e Reis na Babilônia de Néon” de Matheus Zucato, sentimento celeremente transmutado em temor. Explico-me, conseguir elaborar algo minimamente digno de se compatibilizar com o que nos defrontamos nessas páginas é tarefa hercúlea e, certamente, da qual não me sagrarei exitoso, dadas minhas limitações pessoais

aliadas à literatura de excelência aqui encontrada. Além disso, há ainda outro agravante, o brilhantismo constante do prefácio desta obra, da distintiva lavra de Sandra Godinho. Assim, como cada fragmento deste livro já aflorou em encantadora síntese alhures, decidi-me por tentar capturar, em título próprio, a grandiloquência da complexa tessitura legada a mim por este conjunto de estórias e, após detido escrutínio, cheguei a “ĈĪhrāzād Amazona Entoa Novo Enūma Eliš”, pelas razões que a seguir busco elucidar. ĈĪhrāzād é a transliteração do persa médio da qual o nome Sherazade (também traduzido como Xerazade; Scheherazade ou Shirazad) se origina. Isto porque Zucato nos premia com narrativa tão universal quanto “As Mil e Uma Noites”, igualmente fincada em solo orientalizado, de forma a abarcar ficção intensa e concatenada. Apesar de serem textos aparentemente independentes, o autor nos convida a um mergulho profundo em fulgurante constelação repousada sobre intrincado mosaico criativo. Como Shariar encantado por Sherazade, somos dragados pela narrativa hipnótica de Zucato, sempre ansiando pelo relato subsequente. Sequencialmente,

a figura da amazona se me apresenta, essencialmente por dois motivos; primeiramente, pelo fato do escritor nos catapultar para terreno de adensado combate campal em sua Babilônia de Néon, na qual parecemos estar à própria mercê em terreno fértil para embates extenuantes, mas, como mencionei, parecemos. Com extrema gentileza, o autor nos ciceroneia por esse emaranhado mágico de realidades tão polivalentes; segundo, a amazona simboliza a mátria brasileira na qual tem fincadas as suas raízes, seu nascedouro. Durante toda a obra, Zucato tinge cada frase com explosões de cromatismos latinos e nos esperança com a bravura daqueles que mantêm a chama da literatura nacional em vivaz esplendor, demonstrando que mesmo sendo narrativa ruidosamente universal, simultaneamente, está calcada solidamente em base latino-americana. O verbo entoar aqui empregado busca demonstrar o lirismo melífluo com o qual Zucato erige sua sinfonia meticulosamente preparada. Os escritos são extremamente polifônicos, nos deparando com a fronteira entre o sagrado e o profano; com a mais acadêmica das análises de textos antigos e fragmentários e com a mais sensível das pulsões; desesperos

indizíveis e redensões singulares. Nossa musa, a ĈĪhrāzād amazona, só poderia nos contar relatos esplendorosos a este ponto de uma forma, cantando, dada a fluidez delicada revelada pelo autor em cada pedaço deste exuberante tangram literário. Trata-se de obra eminentemente sensorial, relembrando os fundamentos que levaram Yasunari Kawabata a capitanear o movimento Shinkankakuha, a defesa da literatura concebida em si mesma, da percepção artística em sua plenitude. Por fim, este é Enūma Eliš – entretanto, um novo. Estamos diante de uma nova epopeia da criação, mas ao invés de nos depararmos com complexa teogonia culminada na disputa entre Tiamat e Marduk, somos apresentados à tensão de outra ordem, a das nodosas cordas componentes do espírito humano. Zucato nos define belamente o anímico, uma demonstração daquilo que nos torna “humanos demasiado humanos”. Cada fração deste livro se liga ao leitor de maneira na qual, ao aceitarmos o ingresso na Babilônia de Néon, certamente sairemos mais afortunados, contemplativos e perplexos, do que antes de adentrarmos em território tão magnanimamente poético”.



MECÂNICA NETOS
nacionais e importados
nacionais e importados

Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico

Fone:
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136
- Centro (Praíinha)

Monte Sião - MG
CEP 37580-000



DELTA FOTO
PAPELARIA
Mania de vender mais barato!!!

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHORE E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE
DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.SiãO - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

MELHORES LEITURAS DE 2025

MATHEUS ZUCATO

Lembro-me de, há algum tempo, ler no Jornal Monte Sião artigos de nosso conterrâneo Aroldo Comune a respeito do Oscar, nos quais ele apresentava os filmes vencedores das principais categorias e tecia breves comentários a respeito de cada um. Deles eu tirava várias indicações de bons filmes para assistir. Outros artigos que indicam ótimos filmes (das antigas) são os do também conterrâneo Cláudio Faraco, homem de olhar atento para capturar as cenas mais belas e instigantes do cotidiano. É inspirado nesses estimados amigos que decidi, em todo mês de janeiro, comentar sobre as melhores leituras que fiz no ano que se passou. Vale ressaltar dois pon-

tos. Primeiro: a ordem dos livros comentados aqui não representa nenhuma “colocação” ou ranqueamento. Segundo: minha intenção não é dizer que determinado livro ou autor é “melhor” que nenhum outro. Trata-se de opiniões pessoais. Bem, vamos começar.

MELHORES LEITURAS DE 2025.

Ilíada e Odisseia – Homero.

Textos basilares da cultura ocidental. Na “Ilíada”, acompanhamos os últimos dias da Guerra de Troia, centrado na ira de Aquiles e em suas consequências humanas e coletivas. Já a “Odisseia” narra o longo retorno de Odisseu (Ulisses) à sua casa, Íta-

ca, após a guerra, atravessando mares, ilhas e provações sobrenaturais. Mais do que aventuras, os poemas tratam da violência do excesso, das desventuras do orgulho, e da possibilidade da redenção. Homero transforma guerra e paz em reflexões extremas sobre limites do ser humano.

Fronteira – Cornélio Penna.

Ambientado em uma cidade mineira marcada por religiosidade, culpa e silêncio, “Fronteira” acompanha personagens presos a um passado opressivo e a relações carregadas de tensão moral e religiosa. A narrativa se constrói não por ações explícitas, mas por uma ambientação de estranheza e medo. Cornélio Penna, autor injustiçado

pelas Letras brasileiras, conduz o leitor por um território em que o que é real e irrereal se confundem numa atmosfera onírica, criando um romance único na literatura brasileira. É uma leitura densa que não resolve para nós o que é ou não é delírio, e que recompensa pela inquietação constante da obra em sua totalidade.

Contos Absurdos – J. Carlos Grossi (Kuaia).

Nesta obra do nosso amigo e colaborador, o cotidiano é atravessado por fissuras onde o estranho irrompe com naturalidade. Os contos habitam a fronteira entre fantasia e realidade, num realismo mágico enraizado na memória, na oralidade e na cultura populares. O insólito ilumina o mundo seco e material onde,

então, espelhos falam, corpos se transformam e animais carregam símbolos. São narrativas mágicas que resgatam o poder da imaginação como forma de compreender o ser humano e de preservar a ancestralidade encantada que existe em cada um de nós.

A Sociedade dos Sonhadores Involuntários – José Eduardo Agualusa.

Um jornalista que sonha com pessoas que não conhece. Uma artista plástica moçambicana que encena e fotografa os próprios sonhos. Um neurocientista brasileiro que desenvolveu uma máquina capaz de filmar os sonhos de outras pessoas. Um hoteleiro que pode caminhar pelos sonhos alheios, ainda que não tenha consciência

disso. Tudo isso misturado numa narrativa que percorre Angola, Portugal e outros espaços, entrelaçando histórias pessoais, dramas políticos, e passados fragmentados.

Senhora dos Afogados – Nelson Rodrigues

A peça gira em torno de uma família litorânea marcada por tragédias sucessivas e segredos que se acumulam ao longo das gerações. À medida que o passado retorna, relações familiares se revelam atravessadas por culpa, desejo e morte. Temos aqui um drama de tom mítico, quase ritualístico. O enredo avança como uma maldição que lentamente se revela, fazendo dos medos e traumas dos personagens o motor trágico de um pesadelo real.

Boas leituras!

O TORCEDOR NO FUTEBOL

DANILO ZUCATO ROBERT

O futebol transcende as quatro linhas do campo. Para muitos, o clube não é apenas um time a se torcer, mas uma identidade, um sentimento de pertencimento que molda sua existência de maneira profunda. Mas o que leva um torcedor a afirmar que o clube “é a sua vida”, ultrapassando a mera admiração pelo esporte ou entretenimento?

Podemos afirmar que seria uma ‘questão cultural’. Mas isso não responde à pergunta. Sabemos que o futebol faz parte da cultura de muitos países, mas para além disso, por que um evento esportivo,

que para quem assiste deveria ser entretenimento, se transforma em algo tão sério? A forma que enxergamos o futebol é passada de geração em geração. Desde crianças somos incentivados a adotar um time, torcer, se emocionar, se alegrar e sofrer por ele. Com isso, nessa transferência geracional, um indivíduo pode associar um clube com um familiar, como um pai ou um avô, e dessa forma, o clube passa a ter um símbolo maior para tal indivíduo.

Mas e quando este não é o caso? O que faz um torcedor se associar a um clube quando não há associação emocional familiar? Neste caso, o que faria o torcedor deixar de

ver o time ‘lá’, e passasse a vê-lo aqui? Porque o torcedor vê o time não como ‘isto-clube’, mas ‘eu-clube’?

Pessoas que, para além do vínculo familiar, se aproximam tanto de um clube, encontram aí identidade, pertencimento e sentido existencial. Times de futebol frequentemente funcionam como poderosos símbolos de identidade local, regional ou até nacional, unindo indivíduos em torno de uma paixão comum e oferecendo um profundo senso de pertencimento e comunidade. Em muitos casos, justamente pela falta de vínculos familiares fortes, o homem (ou a mulher) encontra aí seu sentido

de ser, e, associando-se a muitos outros como ele (ou ela), sente que encontrou seu lugar e sabe quem é.

Vimos o caso de quando o homem associa o clube a membros familiares e também quando ele preenche vazios familiares ao se vincular tão fortemente com tal clube. Agora podemos ir além. Muitos dos torcedores, quando vestem a camisa e se encontram, se transformam. Durante todo o evento, da ida até a volta do jogo, é momento de desconpressão. Nas ruas e no estádio, com outros torcedores, o indivíduo extravasa, grita, pula, sua, inebria-se, xinga, condena, chora. Durante o uso

da camisa, e na presença de mais adeptos, as regras sociais e morais se atenuam, e isso é elevado nos arredores e principalmente dentro do estádio. O estádio torna-se local de exceção às regras sociais e morais. É por isso que um homem ou uma mulher que jamais berriaria palavras em dias comuns, berra-os infinitamente durante o jogo. Na multidão, o indivíduo se dissolve em torcida. Lá, como diz Freud, ele tem a sensação de invencibilidade e onipotência. Os sentimentos afloram, não há motivo para repressão. É uma desconpressão total. E isso acaba influenciando a construção e o reforço de estereótipos

de masculinidade. Historicamente, o esporte tem sido associado a atributos como força física, agressividade, competitividade e resiliência. A figura do jogador de futebol, muitas vezes vista como um herói guerreiro, molda a percepção social sobre o que significa “ser homem”. Isso explica porque a imagem dos jogadores influenciam tanto os torcedores, principalmente crianças e adolescentes. No jogador, o jovem torcedor vê seu eu-ideal, e passa a persegui-lo como meta. Os maiores ‘influencers’ do mundo não estão mais nos palcos, nem em filmes ou programas de televisão, mas dentro das quatro linhas.

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

A DESFORRA DO MOLEQUE

PASCOAL ANDRETA

O moleque subia calmamente a Rua Direita, assobiando, alheio a possíveis ouvidos imperti-

nentes.

– Pare com esse assobiozinho desentoado ou vá assobiar no inferno, per Dio Santo! Irrita mais que a sanfona do Cala-

brês!

O moleque olhou para trás, pronto para soltar um palavrão, mas ao dar de cara com o Pedro Capitani se conteve, pois, se pronunciasse o desafio engatilhado, o mínimo que poderia ter do italiano enfezado era um tapa no pé do ouvido. Interiormente mandou o italiano para um lugar feio, para o qual não teria coragem de mandar, em voz alta, nem mesmo outro moleque de estatura inferior à sua, e jurou uma desforra. Aquilo não ficaria assim.

– Esse italiano me paga ainda! Ele tá pensando o quê? Que tá na Itália? Que o Brasil é dele?

E passou a observar o italiano. Percebeu que ele tinha a mania de chutar o que encontrasse ao alcance de seus pés: papel, cascas de banana e pedaços de pau. Notou também que o italiano

estava naquele dia usando chinelos. Essas duas circunstâncias lhe sugeriram uma desforra em boas condições.

O moleque carregou um paralelepípedo para o meio da calçada. Cobriu-o cuidadosamente com um pedaço de jornal e debruçou na janela, aguardando os acontecimentos. De longe, lá perto do mercadinho do Plácido, o italiano avistou o pedaço de jornal na melhor das posições para um bocado daqueles. Apressou os passos para evitar que outra pessoa ou o próprio vento lhe roubasse o prazer do chute espetacular que imaginava desferir naquela bola quadrada. Parou a meio metro da pedra camuflada.

– Bello, bello, bello!

O moleque, prudentemente, ocultou-se atrás da janela. O homem, sem nada suspeitar, calculou, mediu e pesou a violên-

cia do impacto. Caprichou na pontaria como um jogador de futebol na cobrança de uma penalidade máxima. Cuspiu nas mãos e mandou ver.

A tarde morria, enroladinha em fiapos de luz. O Morro Pelado espalhava sombras desiguais até às proximidades da Rua do Mercado. Lá longe, em algum lugar do distrito, a sanfona do Calabrês chorava, em rococós, uma valsa teimosamente marcada por tempos de polca. Um carro de boi, aos solavancos, gemia em seus cocões agonias soluçadas, infundindo aos bois mansos maiores resignações. No recôncavo da mata próxima, a buzina de um caçador convocava cães dispersos. Na bigorna de um ferreiro, o martelo de aço, acionado por músculos de aço, retinia duro sobre o aço duro. A araponga do Sérvulo limava um ferro hipotético em

esfregaduras apocalípticas. Um vira-lata defendia, rosnando privilégios e careteando ameaças, o tesouro de um osso desentranhado de uma lata de lixo. Um gramofone roufenho esparramava melodias pegajosas nas asas do vento. Nos quintais da redondeza, galos enfatuados, cercados de galinhas cacarejantes, passeavam orgulhosos por seus domínios.

De repente, um grito alucinante veio quebrar a harmonia de sons da tarde calma, como uma pinçada de vermelho num fundo cinza:

– Aiiiiiiiiiii!!!

O moleque olhou curioso pela janela e viu o italiano com o pé direito fortemente seguro pelas mãos, assoprá-lo como um fole desgovernado, dançar um miudinho louco em reviravoltas e subir a Rua Direita aos pulos, como um saci-pererê.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Danilo Zucato Robert, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travaglin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores—Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva (*in memorian*), Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Danilo Zucato Robert, Durval Tavares, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ilson João Mariano Silva (*in memorian*), Ivan Mariano Silva (*in memorian*), Jaime Gottardello, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta (*in memorian*), José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Leonardo Labegalini, Lucas Provenzano, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Ugo Labegalini (*in memorian*), Valdo Resende e Zeza Amaral (*in memorian*), Yoshiharu Endo.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br



ACEITAMOS ENCOMENDAS

Pães e Massas Especiais Panetones e Congelados

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG



ANIVERSARIANTES DO MÊS

Fevereiro de 2026

Dia 01	Dia 16
Irma Rieli Guarini	Eliana Maciel
Noel Elias Alves	Odair Gloria
Dia 02	Dia 17
Juliana Celi Araújo	Alexandre Labegalini
João Henrique C. Bueno	Dia 18
Luiz Fernando Odinino	Marília Roberta S. Antônio
Maria Cláudia O. Gomes	Lucas Zucato Lopes
Dia 03	Ellen Tissiana Alves
Renan Barbosa Ferraz	Dia 19
Bruna Fernandes Freire	Bárbara Monteiro da Costa
Ermani Borges de Queiros	Andréia Monteiro Reginato
Tamara Monteiro	Maria Elisa de Lima
Nilsa Taveira Labegalini	Ricardo Castro Ribeiro
Dia 04	Momokishi Izumi
B. Ione Guireli Zanella	Dia 20
Dia 05	Franciele Inácio
Nilza Silvério	José de Paula Domingues
Dia 06	Maria A. Beghini Domingues
Ivanir de Cássia Zucato	Vanessa Momesso
Maria Aparecida de Jesus	Gabriela Fonseca
Dia 07	Verônica Daldosso Labegalini
Antonieta Maria S. Zucato Robert	Henrique Labegalini
Dia 08	Dia 21
Juliana Cristina Simões	Nilza Sueli G. Zucato
Gabriel Silva Monteiro	Edson Shibuta
Edson Luiz Valentim	Dia 23
Tatiana Silvério Souza	Deni da Costa
Andréa L. de O. Azevedo	Mário de Paula Borges
Dia 09	Luciana Maria Ventura
Alexandre Felix	Lucas Arthur M. da Silva
Liliana Caetano Monteiro	Priscila Regina de Oliveira
Andressa Campos Freire	Magali Genghini
Dia 10	Benedito Hermínio R. Zucato
Adhemar Francisco Rejani	Dia 24
Karen Cristina Francisco	Lara Pieroni
Maria Takahashi	Tiago Bernardi Ruiz
Maria Aparecida Vieira	Adilson Luiz dos Santos
Brasil Suzumi Izumi	Maria Borges Gomes
Dia 11	Poliana Castro M. Cardoso
Ademir Rodrigues Zucato	Dia 25
Lourdes Pereira	Mônica Guireli
Sueli de Lourdes Canela	Micheli Cássia Vitoriano
Dia 12	Edson Luiz Volpini
Alana Augusto Faraco	Ivone S. Fonseca Righete
Luana Silvério Souza	Bruno Mariano Silva
Edméia Comune	Cláudia Trindade Diniz
Dia 13	Dia 26
Júlia de Fátima Artuzo	Amanda Comune de Barros
Adriana Delgado G. Pepe	Artur Ribeiro Neto
Dia 14	José Luiz Bueno
Marcos Vinícius do Amaral	Adriano Godoi Faria
Dia 15	Dia 27
Mirella Mussi	Suellen Teles da Cunha
Melissa Labegalini de Oliveira	Mariluci P. C. Labegalini
Dayane Beatriz Araújo	Dia 28
	José Augusto Domingues
	Dia 29
	Fátima Aparecida Silva.

A todos, as felicitações da Redação!

EFEMÉRIDES

Olhando o calendário de 2026, logo o mês de janeiro já traz duas datas de relevante importância para nós e para nossa cidade, tendo em vista que o nosso “Monte Sião”, em sua edição 643, está a completar 68 anos no dia 15 (1958-2026), e, logo no dia 16 comemoramos o nascimento do fundador do “Monte Sião”, Dr. Antonio Marcello da Silva, nascido em 16/01/1931, que nos deixou recentemente em 31/10/2025. Logo, neste mês de janeiro de 2026 Dr. Marcello estaria completando 95 anos. Na edição 641, de novembro de 2025, este mensário publicou homenagem em retrospectiva sob o título “Muito devemos ao Dr. Antonio Marcello da Silva”. Nós, colaboradores, leitores e patrocinadores do “Monte Sião” convidamos a todos para lembrar com alegria e satisfação dessas datas marcantes para nossa gente. Parabéns, “Monte Sião” e que venham muitas edições a documentar os escritos de nosso povo! Parabéns, Dr. Marcello, e, onde estiver receba nossa homenagem, nossas considerações e nossos cumprimentos!

SEGURANÇA

Dado que temos o hábito de acompanhar os sites de notícias da região, ficamos alarmados com a criminalidade que anda

campeando em nossa região: roubos de máquinas, roubo de gado, de café, assaltos à mão armada, furtos, tráfico e consumo de drogas, crimes contra pessoas e golpes de estelionato. Nas rodovias e vias públicas, principalmente nas estradas da região, é de assustar a quantidade de acidentes, quase sempre com vítimas fatais. Parece que o sistema está capenga e a polícia está enxugando gelo, porque as ocorrências só aumentam, assim como, o aumento de reincidências. Difícil de assimilar, duro de engolir!

FESTAS DE FINAL DE ANO E TURISMO REGIONAL!

Conforme pudemos observar e acompanhar, todas as cidades da região promoveram shows e atividades relacionadas ao período, numa aparente cooperação com o turismo que vem se tornando cada vez mais importante no composto econômico da região. São diversos hotéis e pousadas, pesqueiros, bares e restaurantes, oferecendo comida típica, espalhados pelas cidades e bairros. Parece que o sistema acordou, embora os estabelecimentos, de modo geral, sejam carentes de mão de obra, talvez porque muitas pessoas em idade de trabalho estejam amparadas pelas diversas bolsas do governo e já não se interessam mais por empregos. Está na

hora das prefeituras investirem mais na formação de mão-de-obra e de incentivar o pessoal a “pegar no breu”!

FALTA DE ÁGUA À VISTA!

Fiquem atentos, porque os reservatórios que abastecem as grandes cidades já estão em seus níveis críticos. A persistir este tempo de calor forte e de chuvas escassas, em geral, no correr do ano teremos de andar de “lata d’água na cabeça”, tal qual a Maria do samba. Aprendam reservar água e a consumir com parcimônia. A conferir!

BIBLIOTECA ESCOLAR

No ano de 2025 a Fundação Cultural Pascoal Andreta se mobilizou a fim de conseguir livros para o projeto biblioteca da Escola do Bairro do Guiné. Caso alguma outra escola do município tenha algum projeto ligado à biblioteca, a FCPA deseja conhecer e analisar a viabilidade de apoiar a iniciativa. Contate-nos!

ATENÇÃO PARA AS EDIÇÕES 2026 DOS CONCURSOS DE FCPA!

Durante o ano de 2026 teremos novas edições dos concursos de poesias, de contos, de fotografias, dentre outros eventos. Consulte frequentemente o site fundacao-pascoalandreta.com.br e participe. Vamos lá!

CANÇÕES DE MONTE SIÃO

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, letras de canções de músicos monte-sionenses.

Uma carta (traduzida da original “A letter”).

DANILO ZUCATO ROBERT

Nunca deixe o mal vencer

É a sua vida, há apenas um rei

Não chore por um passado bem vivido

Não tema as escolhas que você fez

Lembre-se de ser sempre bom

Trate as pessoas como se fossem você

Cada um é um espelho na parede

Todo mundo tem sua própria guerra

Estarei aqui e sempre por perto

Eu só não consigo fazer som algum

Veja-me em coisas simples

Como flores e quando um pássaro canta

Não tema a vida

Não tema a vida após a vida

Eu sempre vou te lembrar

que estarei ao seu lado

Preste atenção no seu coração

Os melhores conselhos gratuitos e verdadeiros

E não se esqueça de agradecer ao nosso Deus

Aproveite agora, menino bobo

Você não tem que saber muito

Você não tem que viver com pressa

Reserve um tempo para rezar

E peça por luz para o seu próximo dia

Não tema a vida

Não tema a vida após a vida

Eu sempre vou te lembrar

que estarei ao seu lado

Veja além do outro lado

ACM

ADRIANO - CHARLES - MAURICE

(35) 3465-1635

3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião |MG

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP

VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil

AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

TELESON TELECOM

A melhor internet do Circuito das Águas Paulistas

Águas de Lindoia: (19) 3824-3671

Monte Sião: (35) 3465-4963

WhatsApp: (19) 99773-1001

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

● Teste do Pezinho ampliado

● Credenciamento com os Laboratórios:

GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)

HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194

Fone: 3465-1144

SEBO DO ISMAEL

Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7, Aparelhos eletrônicos, Antiquário

Praça Cavalinho Branco – 410 – Águas de Lindoia – SP

Telefone: (19) 3824-1507

WhatsApp: (19) 99343-9180